

Resenhas Críticas

BRANDÃO, Zaia (org.) *A Crise dos Paradigmas e a Educação*. São Paulo: CortezEd., 1994.

Esta obra de 100 páginas, em formato 10 x 17cm., é uma coletânea de breves exposições de algumas disciplinas e titulares (filosofia, ciência política, psicologia, educação popular, história e antropologia) que compõem o currículo e corpo docente do curso de pós-graduação em educação da PUC/RJ. É um diálogo interdisciplinar — uma interlocução, uma exposição de intersubjetividades — sobre o final de ciclo de alguns paradigmas e sua metamorfose em outros, na perspectiva de Educação, realizado como abertura do ano letivo de 1993. Não constam nele as reações ou discussões entre os diversos interlocutores. É um livro a nível epistemológico, de crítica e discussão da construção do conhecimento, seus métodos, seu condicionamento histórico e geográfico e suas aplicações na organização do ecossistema planetário.

Nas duas primeiras exposições, tratou-se de definir, explicar, o conceito de paradigma, que anteriormente se conhecia também como *Weltanschauung* (sistema filosófico, sistema de pensamento, cosmovisão/matriz ou marco teórico, teoria de sociedade etc). O conceito de paradigma apresentado pelos expositores tem duas faces ou dois momentos:

— pode ser o conjunto de conceitos, pressupostos e preceitos básicos com que usamos nossos cérebros individual ou coletivamente, para perceber-nos no e como parte do ecossistema ou da realidade;

— pode ser o produto ou resultado do uso desses pressupostos e preceitos em forma de entendimento, explicações, conhecimento, teorias, ciência sobre nossa realidade planetária e cósmica, para

organizar-nos, agir, reproduzir-nos e produzir nossa sobrevivência em cada época e região (atendendo às necessidades só humanas ou de todos os seres participantes do ecossistema ou realidade).

Podemos referir-nos à primeira face ou primeiro momento como paradigma-instrumento e, ao segundo, como paradigma-produto. Os paradigmas-instrumento são construtos generalistas, de (suposta) abrangência global e de vigência mais duradoura, marcados mais pela época que pela geografia (são, supostamente, mais universais); os paradigmas-produto são ramificações, especializações profissionais dos generalistas, são também construtos, mas menos permanentes, mais evolutivos e mais marcados pelo local em que surgem, enfraquecendo ou até esquecendo seus vínculos de filiação com a grande matriz e suas relações de parentesco interdisciplinar.

Os autores não fazem uma listagem de quais sistemas gerais ou cosmovisões estão em uso e coexistem no planeta. Mencionam a filosofia ou sistema liberal da idade

moderna e sua estruturação científica por Bacon, Descartes e Newton, hoje conhecido como positivismo em teoria e capitalismo na prática, bem como o surgimento da contestação crítica hegeliana e marxista que se constituiu num paradigma alternativo, conhecido como dialético em teoria e socialista na prática. Tanto o paradigma (neo)liberal como o socialista se desatualizaram porque a época histórica e a situação geográfica de integração planetária são diferentes e têm novos desafios que tais paradigmas deixam sem solução.

Podemos, entretanto, dizer que em época anterior existia um paradigma sacro, teológico-filosófico cristão, contestado pelo paradigma teológico-filosófico islâmico (a civilização egípcia tinha o seu, a persa tinha o seu, o Oriente tinha o seu, hoje sintetizado como zenbudista, a Grécia já sistematizara o seu, de natureza mais racionalista que sacral, depois subsumido na teologia islâmica e cristã). Os paradigmas teológico-filosóficos perderam a hegemonia para o novo paradigma liberal/racional/científico desencadeado pela reforma protes-

tante e instaurado pela reforma de Cromwell na Inglaterra, mas não desapareceram. Há um coexistência de paradigmas. Tanto é que o diálogo sobre paradigmas se deu numa Pontifícia Universidade Católica, cujo paradigma inspirador é o teológico-filosófico, em associação com o racional-positivista (já esteve associado ao paradigma racional-dialético, antes da chegada do cardeal Sales).

Por isso, além dos paradigmas positivista e dialético (laicais) seria bom incluir considerações sobre os paradigmas ou cosmovisões generalistas de cunho sacral ou espiritualista como o católico-protestante, o islâmico (tão invocado na guerra do Golfo Pérsico) e o zen-budista (tão badalado como um dos fatores do milagre dos "tigres asiáticos" do desenvolvimento). Estes paradigmas são cúmplices ou competidores dos paradigmas positivista e dialético. Em consequência, pode-se dizer que o nome dos paradigmas generalistas que predominam (embora em fase de mutação) no planeta são: o baconiano-cartesiano-smithiano-darwiniano-keynesiano-protestante/

católico que é o hegemônico, criado, imposto e defendido pelos anglo-saxões (no oriente Médio e na Ásia o componente "protestante/católico" é substituído pelo islâmico e zen-budista); e o paradigma hegeliano-marxista-teologia da libertação, que é o antagonista, escolhido e utilizado por povos ou grupos populacionais em confronto com o anterior. É claro que os maias, os aztecas, os incas, os africanos tribais e os nossos indígenas, tinham seus paradigmas, mas foram diluídos ou devastados pelo etnocídio praticado pelos europeus na África, Ásia e Américas.

Foram feitas algumas recomendações sobre o monopólio das verbas de pesquisa pelas chamadas ciências exatas e naturais, sobre a opressiva multiplicação de disciplinas acadêmicas e sobre a necessidade de cada estudioso declarar previamente seus pressupostos ético-políticos e metas que o motivam (os deste resenhista são os da Cibernética Social).

Os demais expositores fazem abordagens desde suas áreas específicas, cada uma delas com um pouco mais ou um pouco menos de

consciência de sua filiação cartesiano-capitalista ou marxista-socialista (ninguém menciona o componente sacral-religioso). A Psicologia, a Antropologia e a Educação Popular têm noção da intercalação de componentes racionais com não racionais (mitologia, criatividade, crenças populares, arte, inconsciente) na maneira como a maioria das populações, desenvolvidas ou não, usa seus cérebros individual ou coletivamente.

O diagnóstico dado é de perplexidade, sensação de vazio, perda de estabilidade e segurança na população; e de uma enorme fragmentação do conhecimento, de isolamento das especializações, e da necessidade da desconstrução das fronteiras rígidas entre áreas acadêmicas e profissionais.

No posfácio, fazem-se algumas reflexões sobre as tarefas da Educação como produtora de conhecimento e orientação para as populações, nesta fase de crise, transição, metamorfose. É claro que é o tipo de organização social abalada pela tecnologia da informática e da cibernética, que está descartando os paradigmas mencio-

nados antes, urgindo re-fundamentação do paradigma-instruimento e uma nova arrumação do paradigma-produto de forma mais integrada e complementar, com "pontes" para a circulação interdisciplinar (e não com trincheiras para impedir o acesso). Mas será possível escapar ao condicionamento da cultura fragmentária e comercial, pregada diariamente do alto das torres de televisão, mantida pelas supervigilantes redes informatizadas dos banqueiros multinacionais e patrulhada pelos serviços secretos de informação dos Estados?

O livro pouco menciona os esforços que se vem fazendo na superação da crise. A UNESCO, desde 1987, no encontro de Veneza, vem estimulando não só a integração interdisciplinar, mas também a transdisciplinar; não só entre as formas de conhecimento e de orientação dadas pelas disciplinas acadêmicas, mas também pelas tradições espirituais de cunho místico, bem como da arte (exemplos disso são: Fritjoff Capra, David Bohm e Krishnamurti etc). O livro não aborda a teoria geral dos siste-

mas, a teoria do imaginário (esta tem uma citação bem pertinente à p.56), a teoria do caos, a teoria da convivencialidade (do mesmo autor de *Sociedade sem Escolas*), a epistemologia genética e o construtivismo. O livro não menciona um seminário similar dirigido por Cremilda Medina, com os resultados publicados pela ECA/USP: *Novo Pacto da Ciência — A Crise dos Paradigmas (1990-1991)*, do qual já saiu o segundo volume, e está previsto o terceiro e último.

O livro *A Crise dos Paradigmas e a Educação*, condicionado pela estrutura hegemônica do eixo Rio-São Paulo-Minas, analisada por Golbery do Couto e Silva, posteriormente chamado "Triângulo das Bermudas Brasileiro" por Ulysses Guimarães, não analisou, sequer citou na bibliografia, as experiências e publicações da Universidade Holística Internacional (Brasília), dirigida por Pierre Weil, e as experiências e publicações da Cibernética Social, que são contribuições brasileiras.

Na Cibernética Social, a abordagem é dialética (uma variedade da dialética) e sistêmica. Por ela, o

cérebro individual ou coletivo compõe-se de três processos integrados mas diferenciados, que levam à construção de três culturas: uma pragmática, protagonizada pelo cérebro central; uma artístico-espiritual, protagonizada pelo cérebro direito-límbico; e uma racional-científica, protagonizada pelo cérebro esquerdo-cortical, formando três paradigmas (ou um superparadigma triúno), correspondendo aproximadamente a três grupos ou segmentos sociais, vistos horizontalmente ou verticalmente, com alianças transversais, e que ora se acumpliciam, ora se confrontam, ora ficam indiferentes entre si. O paradigma que se tornou hegemônico é o pragmático, o da mercadoria, do capital, dos executivos, dos banqueiros, dos políticos, dos mercenários do dinheiro, dos depredadores do ecossistema, depredadores da racionalidade e do desejo artístico-espiritual de viver e ser feliz. Os expositores do livro todos reconhecem que falta um novo projeto do sentir/saber/fazer, baseado nalgum fundamento ético, nalgum ideal de vida e felicidade para todos os seres do planeta e do universo.

A busca de uma nova identidade da Educação, que vem caindo aos pedaços, não será pela receita cartesiana, concretizada como ciência independente, auto-suficiente, cotidianizada no currículo por disciplinas cartesianas que pouco têm a ver com a vida, e instituída em algóz da juventude por vestibulares que são a chibata da academia corporativizada. Não se pode prever o que será. Mas o livro tem o grande mérito de alimentar o debate e instigar a busca e a criação de alternativas para a crise. Queremos mais livros assim!

Bibliografia recomendada para consulta:

DE GREGORI, Waldemar. *Cibernética social I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1988. Primeira edição

brasileira em 1984 pela Cortez Ed.

GRECO, Milton. *A aventura humana entre o real e o imaginário*. São Paulo; Perspectiva, 1987. Primeira edição em 1984, pela Claxon Ed.

_____. *Interdisciplinaridade e revolução do cérebro*. São Paulo: Pancast, 1994.

Waldemar de Gregori
Associação Brasileira de Cibernética Social

Nota do Editor: Para outro enfoque da questão, remetemos o leitor ao artigo do Prof. Mário Osório Marques (UNIJUÍ), neste número, na seção Questão em Debate.